



Oratório em Estilo Barroco do Século XVIII,
Antiquário Nova Moreira, Salvador, Bahia
Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017

BREVES NOTAS DOS ASPECTOS FORMAIS E SIMBÓLICOS DOS ORATÓRIOS DOMÉSTICOS NA BAHIA

CLAUDIO RAFAEL ALMEIDA DE SOUZA
ABCA/BAHIA

RESUMO: O artigo propõe o estudo dos aspectos formais e simbólicos dos oratórios domésticos baianos na perspectiva da cultura visual, na qual se aplica o estudo do formato, bem como a simbologia dos ornamentos que constituem a visualidade dos oratórios. Para tanto, além do estudo dos elementos que constituem a composição visual dos objetos, busca-se aporte externo em autores como Regina M. Real (1962), Panofsky (1986), Corona e Lemos (1989), Dondis (1991), Aurélio B. de O. Ferreira (2010) e Duran (2012). O resultado permite compreender os aspectos visuais que compõe os objetos estudados para fontes referenciais de pesquisa, com a necessidade de compreender o fazer artístico dos artífices que criaram as obras.

PALAVRAS-CHAVE: Oratório doméstico. Bahia. Aspectos Formais. Simbologia.

ABSTRACT: The article proposes the study of the formal and symbolic aspects of Bahian domestic oratories from the perspective of visual culture, in which the study of the format is applied, as well as the symbology of the ornaments that constitute the visuality of the oratories. Therefore, in addition to the study of the elements that constitute the visual composition of objects, an external contribution is sought in authors such as Regina M. Real (1962), Panofsky (1986), Corona e Lemos (1989), Dondis (1991), Aurélio B. de O. Ferreira (2010) and Duran (2012). The result allows us to understand the visual aspects that make up the objects studied for reference sources of research, with the need to understand the artistic work of the craftsmen who created the works.

KEYWORDS: Domestic Oratory. Bahia. Formal Aspects. Symbology.

INTRODUÇÃO

Na vida doméstica na Bahia o oratório foi um móvel indispensável, a ponto de ser utilizado em número maior que outros móveis. Estes objetos, como moradas para as imagens de santo, assumem diversas conformações plásticas, enquanto o possível uso, gosto e condições financeiras de seu dono lhe imprimem características arquitetônicas e de móveis. Nos oratórios baianos encontrados em Salvador que remontam dos séculos XVIII ao XX, as composições decorativas na sua maioria trazem consigo características de estilos que estiveram presentes no mobiliário, em edifícios religiosos e em residências nas respectivas épocas. Hoje, conseguimos encontrar alguns tipos utilizados no antigo exercício religioso de orar em nichos repletos de imagens de santos devotados.

Ao recordar os costumes baianos dos séculos XIX e XX, a cronista Hildegardes Vianna (1973) define o quarto de santo encontrado nas residências oitocentistas como um cômodo (de tamanho pequeno

ou grande), uma nesga de espaço, debaixo da escada que conduzia ao sótão ou cômodo para guarda de imagens, e/ou um dormitório ocupado por pessoas idosas contemplativas, que se vangloriavam em dormir bem acompanhadas pelos emissários celestes. Nesse quarto, todas as alegrias e tristezas eram relatadas entre preces aos bentos simulacros bem guardados em um nicho de madeira forte, torneada e envernizada, sobre banquetas de pés sólidos, lindamente recobertas por toalhas magníficas. Nas paredes do quarto, em quadros expressivos, outros tantos santos e bem-aventurados repetiam a mesma iconografia das imagens fora ou ao redor dos nichos cheios de bentinhos, medidas, rosários e cordões bentos. Também continham os retratos de entes queridos já falecidos - avós, tios, parentes, amigos -, num eterno preito de saudade. Tudo de acordo com as posses de cada qual.

Sendo então “testemunha” do fervor católico, nos diversos tipos e em diferentes localidades, o oratório possui forma alcançada com elementos decorativos que os

tipificam estilisticamente. Os ainda encontrados na cidade de Salvador, além de possuírem a funcionalidade de abrigo para os santos de devoção, assumem também a responsabilidade, principalmente nas residências, de ambientar e ornamentar o local de contato entre o fiel devoto para com o sagrado - e, dependendo do local ou caso, o cômodo em que está inserido. Deste modo, como fruto de pesquisa de mestrado, discorreremos a seguir das características dos oratórios domésticos na Bahia.

Assim sendo, o resultado da pesquisa permite compreender que na tipologia existem 14 tipos de oratórios domésticos no universo de 85 exemplares, e os classificamos conforme a estilística e morfologia atribuindo a esta característica seu frontão e outros remates. Em relação à estilística atribuímos e inserimos na estética dos oratórios os estilos neoclássico; neogótico; art nouveau; e neocolonial, além dos estilos que existiam como renascentista, primeiro barroco, segundo barroco e rococó.



Oratório em Estilo Neoclássico do Século XIX, Antiquário Nova Moreira, Salvador, Bahia
Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017



Oratório em Estilo Neoclássico do Século XX, Residência em Salvador, Bahia
Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017

Em relação as autorias encontramos oratórios criados pelo seu próprio dono e identificamos na comercialização uma quantidade considerável de lojas, marcenarias e casa de leilões que comercializavam os objetos, lembrando que os endereços citados coincidem com os endereços citados no dicionário do livro A Talha Neoclássica na Bahia, onde consta a relação de artífices que trabalharam na época. Embora se tenha referência no autor citado, verifica-se em outros anos estudados o exercício de alguns artífices até então não pesquisados anteriormente.

Os santos de devoção encontrados resultam na confluência de dados intercruzados que possibilita a identificação de 47 tipos de santos no universo de 185 exemplares que estão presente na religião do católico ou simpatizante da religião católica, entre os quais tem maior incidência Nossa Senhora da Conceição, Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São José e Nossa Senhora Aparecida. Além do top cinco, se faz presente também o Menino Jesus do Monte e o Menino Jesus de Praga. O fato de encontrar uma quantidade significativa de santos

Oratório em Estilo Barroco do Século XVIII, Antiquário Nova Moreira, Salvador, Bahia
Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017

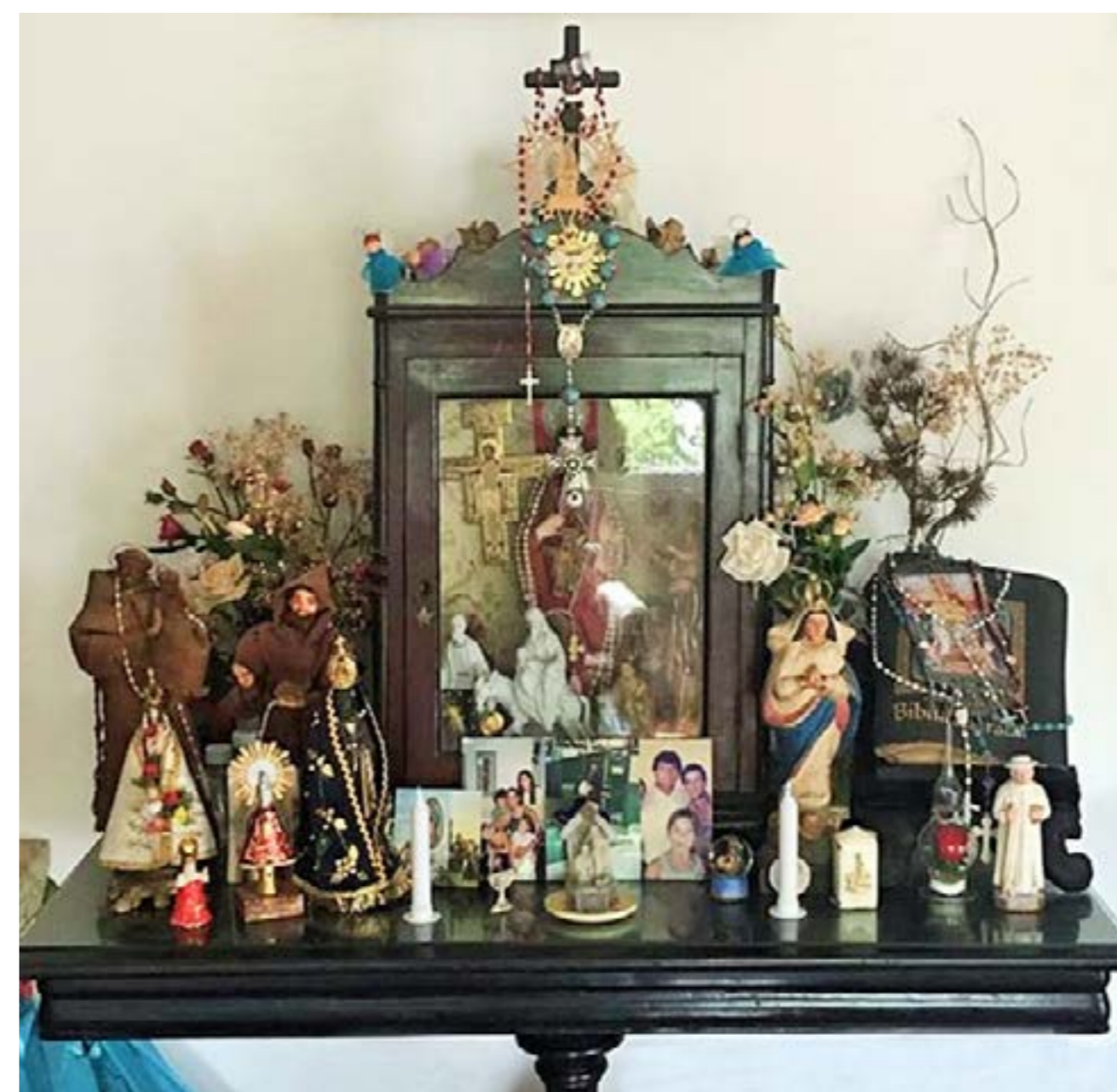


devocionais em antiquários e museus presume que as devoções aos santos não deixaram de existir com o tempo.

Confeccionados em diferentes técnicas e materiais as imagens são criadas em entalhe e moldagem com diferentes materiais como a madeira e o gesso. Às designações estátua e estatueta impõem-se o tamanho dos santos encontrados e a variação dos tipos pelo tamanho. Deste modo, especifica-se na tabela que estatua é a partir de 61 cm, enquanto estatueta é até 60 cm.

Na especificação de técnica a moldagem quando em material de gesso e entalhe quando madeira, sempre com pigmento que se apresenta em diferentes tonalidades, levando em conta que a cromaticidade das peças é apresentada algumas vezes a partir dos cânones da escola baiana de imaginária e outras vezes não, como é o caso das imagens mais modernas, que são apresentadas sem flores, florões e douramento.

As mudanças ocasionadas com o tempo nos santos de devoção entendem-se que os materiais nos quais as estátuas e



Oratório de Residência em Salvador, Bahia. Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017



Detalhe de Frontão de Oratório em Estilo Barroco do Século XVIII, Museu Carlos e Margarida Costa Pinto. Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017

estatuetas são criados a partir da moldagem ou entalhe da madeira ou gesso com pigmento modifica a perspectiva de acreditar que determinados santos são obra de arte. Isso presume que a qualidade e a perspectiva de chamar tal santo devocional de obra de arte ressignifica os meios de produção que assume caráter de série e desvincula-se da necessidade de chamar ou criar obras de arte, como se fazia na primeira metade do período (1701 - 1960). E sobre a ornamentação encontramos 24 tipos de motivos ornamentais e elencamos cada um com sua respectiva simbologia ao lado.

ASPECTOS FORMAIS

Os elementos ou aspectos da linguagem visual contribuem para melhor expressão da obra. A designer e professora Dondis em seu livro *Sintaxe da Linguagem Visual* (1991) explana que para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual, é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades

específicas. Portanto, verificamos elementos específicos inerentes aos oratórios, como o formato, a tonalidade, o tamanho, e especialmente os ornatos arquitetônicos dos objetos.

Como já foi visto, os ornatos arquitetônicos dos oratórios como em outros móveis, são remates reproduzidos simetricamente e em expressão reduzida, tendo como referência a medida humana. É possível observar na ornamentação dos oratórios que remontam dos séculos XVIII ao XX, elementos arquitetônicos encontrados em fachadas, retábulos-mores, tribunas, altares colaterais das igrejas da cidade de Salvador e outras cidades da Bahia. Além de móveis e residências de arquitetura civil.

Normalmente aparecendo como arremates, eles são frontões, colunas, baldaquinos e outros tipos que somam uma beleza inacreditável. A variedade de elementos que formam os remates como os frontões, relevos baixos, rosetas, rosáceas, florões e flores é de uma riqueza considerável e que substancia um glossário específico. Não nos remeteremos a um glossário em si no

momento. Afinaremos a ornamentação, definição e simbologia a diante, mas não esqueceremos nenhum arremate.

No momento falamos de frontões e baldaquinos, e logo após, investimos em definições. Portanto, os frontões que formam os oratórios durante o interim do início do século XVIII e meados do século XX possuem beleza específica e começam com características do renascimento e barroco, passam para o estilo rococó e neoclássico e terminam no neocolonial e moderno, sem deixar de perceber algumas influências advindas do estilo art nouveau do início para o final do século XX.

Os frontões do estilo renascentista são acompanhados de cimalha com curvatura, já os barrocos e rococó possuem também cimalthas, mas os relevos entalhados em forma de volutas, flores e também pinhas e bilros são significantes. No neoclássico ele aparece mais simples e se tornam neocoloniais através de curvas e contracurvas com riqueza e perfeição no seu design nas primeiras décadas do século XX, na qual aparecem móveis devocionais em art nouveau e modernos.

Os arremates tipo baldaquino formado por volutas em “S”, como já falamos possui maior representatividade no século XIX e o primeiro meado do século XX na Bahia.

Entendemos como ornamentação dos oratórios além de frontões, colunas, almofadas, bilros, pináculos e outros ornatos ou motivos produzidos por diferentes técnicas como pintura, marchetaria, relevo, douramento, torneado, talha ou recorte em madeira. No início dos oitocentos, a plasticidade dos oratórios domésticos era constituída seguindo a estilística neoclássica nos nichos com três faces de vidro do século anterior. No entanto, eram arrematados por volutas em “S”, duplos “C” e/ou “S” com “C”, globo, pinhas, degraus escalonados com cruz torneada ou colunas torneadas, aplicadas às extremidades laterais ou próximas às mesmas. Existiram também os oratórios que conformavam, junto com as volutas, uma meia cúpula vazada. O Museu da Ordem Terceira do São Francisco e o Abrigo Santa Isabel possuem um repertório vasto desses exemplares

citados. Além dos locais citados, também encontramos exemplares que tipificam esse primeiro grupo em residências e antiquários. Com isso, podemos afirmar que os oratórios com essa conformação plástica são muito comuns ao gosto baiano.

Aparecem também oratórios trípticos, finalizados plasticamente com motivos neoclássicos inspirados nas ordens clássicas da arquitetura que se constituem em colunas, ondinas, volutas - todos eles libertos de linhas rigorosas, com um tratamento mais delicado e leve. Esse tipo também é muito comum ao gosto do baiano, tanto que atravessa o período e sofre variações com a estilística neogótica. Por ser uma descoberta inteiramente nova, não encontramos nenhum escrito que ilustre e mencione a plasticidade dos exemplares localizados na Ordem Terceira do São Francisco e no Antiquário Nova Moreira.

Durante o século XIX, surgiram oratórios em forma de igrejas ou capelas que apresentam influência do estilo neogótico encontrado em igrejas

e outros móveis com o mesmo estilo. Destacam-se entres os motivos à flor-de-lis, acantos, rosetas, pináculos, ogivas, nervuras em adaptações mais ou menos livres, e bilros inspirados no gótico flamejante. É neste período que alguns ornamentos representam o cálice, o coração e a hóstia. Todos esses formam um grupo de símbolos-imagens que trazem conotação não só do imaginário cristão como referência popular. Através desses ornatos maiores que são frontões, coroamentos e platibandas, normalmente os artífices caracterizam o oratório.

As igrejas, capelas e residências podem ter influenciado muito além do que apuramos e imaginamos, há a possibilidade de que oratórios baianos estejam em outros estados e com sua circulação, tenha sido atribuída outra origem a peça do acervo de museus e antiquários. O certo é que esses objetos são como vestígios do antigo hábito de orar para os santos neles entronizados e abrigados - prática que atualmente é difícil de encontrar no recôndito dos lares baianos.

SIMBOLOGIA

Os símbolos e imagens foram sempre utilizados pela igreja não apenas como meio de instrução, mas também, como veículos das verdades divinas e de conceitos que, através da comunicação se tornavam mais compreensíveis do que mediante a palavra. Tudo nos templos parece concorrer para o surgimento de discursos traduzidos para o plano formal. Este tipo de leitura, extraída das formas e dos seus significados simbólicos, nem sempre é linear, podendo ocorrer de maneira cíclica (WOLFFLIN, 1996, p. 17). E como os oratórios tem plasticidade ora copiada ora traduzida e inspirada nos templos, o mesmo ocorre nos objetos.

Afinal, todo objeto artístico é carregado de teor simbólico e através do método iconológico proposto por Panofsky, torna-se possível identificar os princípios que norteiam a escolha, a produção e a apresentação das estórias, das alegorias, das formas presentes na conformação plástica. Fazendo do artefato um importante instrumento para compreensão de



Oratório em Estilo Neogótico do Século XIX - XX, Capela Nossa Senhora da Vitória
Foto: Claudio Rafael Almeida de Souza, 2017

momentos, conjunturas históricas e intenções significativas.

Para Panofsky (1986) o método iconológico é o terceiro nível de observação e interpretação do objeto artístico, no qual o artefato é compreendido como documento histórico. Nesta análise o objeto é condicionado à época e a sociedade na qual foi concebido. Ela é a interpretação de imagens através dos princípios que norteiam a escolha, a produção e a apresentação das estórias e das alegorias presentes na obra de arte. E nela os objetos artísticos assumem papel de documentos, que juntamente a outras fontes se tornam passíveis de análise. Fazendo dele uma ferramenta para compreensão de momentos e conjunturas históricas.

O oratório enquanto objeto e/ou artefato carrega na sua aura a compreensão de uma moradia, abrigo, que como uma casa inteira, é um ser vivente. Nesta perspectiva Duran (2012, p. 243 e 244) afirma que o nicho ou oratório, casa dos santos, redobra, sobredetermina a personalidade daquele que o habita. E

a intimidade gerada deste microcosmo vai redobrar-se e sobre determinar-se como se quiser. Porém, sobretudo, vai operar-se nela o redobrimento da necessidade de uma casa pequena na grande para reencontro das seguranças primeiras de uma vida sem problemas. Neste momento, o oratório desempenha o papel de palco de intimidade profunda, uns lócus “obscuro e fechado como o seio de uma mãe” e as fechaduras e as chaves reforçam ainda mais a intimidade e o segredo destas moradas superlativas.

Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 635) revelam que o nicho como símbolo arquitetônico universal evoca a caverna, protegida pelo céu e apoiada pela terra, com um cimo em forma de domo e sua base horizontal. Ele antes de tudo simboliza o lugar da presença divina, a moradia dos deuses. E nele também se encontra outro aspecto do simbolismo da caverna, como portal, passagem. O nicho, sobretudo o mihrab da mesquita mulçumana, é também o lugar da presença, simbolizada pela lâmpada. Sua luz é como um nicho que se encontra uma lâmpada.

Oratório em
Estilo Neogótico
do Século
XIX - XX,
Lar São Francisco.
Foto: Claudio
Rafael Almeida de
Souza, 2017



Oratório em
Estilo Art
Nouveau do Século
XX, Lar Mariana
Magalhães.
Foto: Claudio
Rafael Almeida de
Souza, 2017

No entanto, seu papel é acima de tudo, física e simbolicamente é de reverberar a palavra recitada diante dele. A palavra divina que é assim refletida para a terra e revelada ao mundo, o que é, em caráter definitivo, o aspecto essencial da presença. No alcance em que seu cimo delineia uma taça virada para baixo e cortada ao meio, seu simbolismo pode ser aproximado do simbolismo da auréola, que convém particularmente ao santo, homem no qual se efetuou a assunção da carne pelo espírito, em quem se realizou o mistério da habitação divina, simbolizada pela igreja de pedra. E ainda mais, cada elemento que possibilita a compreensão do oratório doméstico enquanto objeto simbólico, traduz uma simbologia que os caracterizam em obras de arte. Desta maneira, entende-se que os oramentos ou motivos ornamentais inerentes aos oratórios traduzem simbologia no que tange os objetos por questão estudados.

CONCLUSÃO

Nesta contribuição propõe-se o estudo dos aspectos formais e simbólicos dos oratórios domésticos

baianos na perspectiva da cultura visual, na qual se aplica o estudo do formato, bem como a simbologia dos ornamentos que constituem a visualidade dos oratórios. Deste modo, busca-se compreender os objetos estudados enquanto fonte de informação para o desenvolvimento da pesquisa sobre sua ornamentação para assim suprir uma lacuna existente na história da arte baiana.

Este artigo busca traçar especificamente a ornamentação ou os ornatos arquitetônicos de um número considerável de exemplares baianos dos séculos XVIII ao XX, encontrados em residências, asilos, antiquários, museus e capelas da cidade de Salvador. O estudo realizado através de busca, catalogação e nova análise de objetos contemplados e não contemplados por Flexor (2009), nos remeteu à composição arquitetônica de igrejas, residências, retábulos-mores, bem como os móveis dos respectivos séculos, e nos permitiu revelar suas origens, tipos e estilística, como também a inspiração para a conformação plástica dos oratórios.

Ainda no âmbito metodológico, nos amparamos em autores como Canti, Freire e Flexor através do método histórico e dos métodos analítico-sintético, analítico-comparativo e indutivo-dedutivo. Nos valem também da metodologia de análise iconográfica proposta por Erwin Panofsky, para compreensão da plasticidade e elementos da decoração dos objetos estudados.

Com pressuposto e considerando a utilidade dos oratórios, inserimos os objetos, assim como Flexor (2009), na categoria dos móveis de oração/devção. Com relação à estilística, adotamos a nomenclatura dos estilos gerais da arte europeia ocidental nos anos de uso na Bahia e acrescentamos estilos não trabalhados pela autora. Sendo assim, elencamos como estilos o neoclássico; o neogótico; o *art nouveau*; e o neocolonial. Para tanto, além do estudo dos elementos que constituem a composição visual dos objetos, busca-se aporte externo também em autores como Regina M. Real (1962), Corona e Lemos (1989), Aurélio B. de O. Ferreira (2010), (Wolfflin,

1996), Duran (2012), Dondis (1991) e Panofsky (1986).

A partir desta metodologia, disserta-se conforme Flexor (2009) para compreender as denominações que se adaptam corretamente tanto aos móveis de uso civil e leigo, quanto, em parte, aos religiosos. De tal modo, o resultado permite compreender os aspectos visuais que compõe os objetos estudados para fontes referenciais de pesquisa, com a necessidade de compreender o fazer artístico dos artífices que criaram as obras.

Conclui-se que a capacidade criadora dos artistas da Terra de Santa Cruz está presente nas adequações formais do oratório como pequena capela reduzida de resguardo e esconderijo de santos, bem como de altar móvel percorrendo estradas e locais distantes até então não habitados. Sendo utilizado pelo sacerdote para celebração de missas, realizar casamentos e batizar os inocentes, o oratório introduzido nas casas, tornava-se guardião dos bens recebidos, dos costumes, da riqueza e da virtude.

Desta maneira, identifica-se a especificidade dos elementos visuais

inerentes à linguagem visual que constitui a criação do objeto com a qual o artífice pode trabalhar sem o conhecimento consciente de quaisquer dos princípios, regras e/ou conceitos, pois seu gosto pessoal e sensibilidade com respeito às relações visuais são muito mais importantes. Apesar de que imbuídos de uma compreensão completa destes, definitivamente ampliaria sua capacidade de organização visual.

Com isso, compreendemos que os artistas conceberam/reinterpretaram nos tipos de oratórios estudados a solução plástica dos retábulos tipo baldaquino, das portas, dos ornatos, das fachadas e dos edifícios religiosos. Os tipos de oratórios em grande número são de gosto comum do baiano devido à forte devoção aos santos, como o Senhor do Bonfim e o sentimento ufano existente na época da independência que reverberou por longo tempo. E assumindo papel central da religiosidade nas residências, carregam a mesma simbologia existente na religião formal das igrejas e reafirma que a religiosidade popular baiana, assim como, a brasileira é sustentada no culto aos santos.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. Testemunha ocular: imagem e história. Bauru: EDUSC, 2004.

CANTI, Tilde. O móvel no Brasil: origens, evolução e características. Rio de Janeiro: Editora Lisboa, 1985.

_____. O móvel do século XIX no Brasil. Rio de Janeiro: Cândido Guinle de Paula Machado, 1989. 190p.

CASTELNOU, A.M. N. Estilos Históricos da Decoração e Mobiliário. Londrina: Apostila, UNOPAR, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: J. Olimpyo. 2002. 17 ed. 996 p.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da Arquitetura Brasileira. São Paulo: Artshow Books, 1989.

DONDIS, Donis A. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. 4º ed. São

Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2º Edição. Revista e Aumentada. 41º Impressão. 1986.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Mobiliário Baiano. Brasília, DF:IPHAN / Programa Monumenta. 2009.

PANOFSKY, Erwin. “Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença”. In: _____. Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

REAL, Regina M. (1962). Dicionário de Belas-Artes. Termos Técnicos e Matérias Afins. 2 vol. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiro, séculos XVIII e XIX. 2010. 528f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade

de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2010a. 2v

SACKS, Oliver. Um Antropólogo em Marte. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

VIANNA, Hildegardes. (1973). A Bahia já foi assim (crônicas de costumes). Salvador; BA: Itapuã. 227 p.

WOFFLIN, Heinrich. Renascença e Barroco. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

CLAUDIO RAFAEL ALMEIDA DE SOUZA

Com formação interdisciplinar, é bacharel em museologia registrado no Corem 0592-I 1R e formado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - FFCH/UFBA com habilitação em Museus de História e Museus de Arte. É mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia - EBA/UFBA com concentração em História, Teoria e Processos. É Especialista/MBA em Educação, Cultura e Diversidade pelo Centro Universitário Uniasselvi.

Aperfeiçoamento na área de Educação no curso “Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio” pela Fundação Demócrito Rocha.. É investigador e curador independente de móveis, objetos e obras de arte, com especialidade em mobiliário, arte sacra, popular e decorativa. Áreas de interesse em pesquisa: Educação Museal; Educação Patrimonial, Religiosidade da Bahia, Identidade, cultura e língua Ameríndia, Afro-brasileira e Africana, Independência do Brasil na Bahia e seus ícones, Decolonialidade e Curadoria.